

## ENCONTROS PROVÁVEIS: A Paleta e a Pena

de

Filomena Aguiar de Vasconcelos (Pinturas)

e

Isabel Pereira Leite (Narrativas)

1. Deve-se à amizade “respeitosa” (dada a diferença de idades) de Isabel Pereira Leite e à confiança que Filomena Aguiar de Vasconcelos lhe tributa, o pedido de que eu prefaciasse este livro. A amizade, se autêntica, muitas vezes exagera as capacidades do amigo e até lhe atribui as que ele não tem, e a confiança pode levar a anuências imprudentes.

Vem isto em jeito de justificação para o facto de começar o meu depoimento dizendo o que sou e ao que venho, não vá alguém supor que sou o que não sou e que venho ao que não venho.

Não sou perito em literatura e muito menos em pintura, pelo que não venho apresentar uma apreciação técnica das expressões de uma e outra nesta obra. Sou apenas um dos destinatários destes “Encontros Prováveis” – o primeiro, por ordem cronológica – que serão postos à disposição do público em geral. Como tal, é com toda a legitimidade que venho dizer como vi e como li e o que me ficou depois. O que fica depois é importante porque é ele que traça o destino do exemplar que possuímos: ou sepultura ou ulterior reanimação.

2. Começo por referência às pinturas de Filomena Aguiar de Vasconcelos, não por ser terreno que pise com menor insegurança – antes pelo contrário – mas porque foram elas a chave do motor de arranque que pôs em andamento a elaboração desta obra.

Para mim, pintura, era só a figurativa, tendo na vanguarda os génios renascentistas, só ultrapassados em sintonia afectiva quando me encontrei, face a face, com os génios do impressionismo.

A minha relação com a pintura “esquisita” começou por repúdio, tal como me tinha acontecido com a cerveja. Mas enquanto que, com

esta, a relação se inverteu logo que chegou o hipertérmico Verão seguinte (a propósito, para onde anda ele fugido?), o meu apreço pela pintura “esquisita” (peço desculpa de manter o termo, mas para mim é o melhor e estou certo que será compreendido pelos leitores analfabetos em pintura como eu) desenvolveu-se mais tardiamente e mais lentamente, em sincronia com o meu andamento no caminho da investigação científica em que com gosto avançava por imperativos académicos.

O elo de ligação entre essa tal pintura e a atitude de investigação científica era a questão dos “quês” e dos “porquês”. Na pintura “esquisita” era a sedução de descobrir o que aquilo representava, do porquê dessa representação e da mensagem nela codificada.

A pintura “Sete Rostos”, a quarta destes “Encontros”, é um bom exemplo disso.

Começando logo pelo título: porquê explicitar que são sete, e não o limitar a “Rostos”? Pelos vistos, é importante precisar que são sete. Isto até me levou, confesso, a entendê-lo como astúcia feminina a induzir o observador a contá-los, o que o obrigará a observação atenta, pois a tarefa não é fácil... E sete, porquê? Por que não só seis ou oito? Sete, por, segundo a Bíblia, ser um número perfeito? Pensando bem, a palavra sete no título não deve ser isca para atrair a atenção mas é importante em si mesma para a interpretação da pintura. E porquê rostos de perfil, excepto um, que está quase tapado por outro? Aliás, o mesmo sucede com todos: tapam-se em grande parte uns aos outros. Porquê? Tudo isto faz sobressair a questão fundamental, o grande desafio ao observador: o do significado, o da mensagem, afinal o da razão originária de ter sido pintada esta pintura.

Por isso, por ser a questão por excelência, ousou apresentar algumas hipóteses (aliás, é por aqui que se começa na investigação científica): unidade da família humana na diversidade das pessoas? máscaras que as pessoas usam por medo, vaidade ou manha? diferentes expressões que uma mesma pessoa manifesta consoante as emoções que a agitam? esbirros de um qualquer “Big Brother” de um qualquer regime totalitário? enigma da vida e apelo a que cada um busque o seu “rosto”, o assuma e rejeite outros, porventura mais sedutores, mas que não são o seu? – “Não, não vou por aí” (Régio).

3. As narrativas de Isabel Pereira Leite são a sua resposta a estas interrogações de quês e porquês, suscitadas por cada uma das 13

pinturas de Filomena Aguiar de Vasconcelos. Muitas delas, todas elas, tendo na pintura em causa o seu ponto de partida, a certa altura libertam-se, ganham dinamismo determinista intrínseco, autonomizam-se, subsistem por si próprias e, chegadas ao fim, reencontram o ponto de partida.

São curtas, leves e diáfanas como claras em castelo no seu correr, mas consistentes e densas pelo realismo das emoções que brotam da identidade humana e fervem à tona da sua condição, emoções belamente “pintadas” por fecunda, ágil e deliciosa imaginação.

A narrativa despoletada por “Sete Rostos”, a que me referi, é excelente exemplo do que acabo de dizer. Para Isabel Pereira Leite eles, esses sete rostos, são “A Casa”, e “A Casa tem um nome. A Casa é o Mundo”.

4. As narrativas de Isabel Pereira Leite não teriam existido se as pinturas de Filomena Aguiar de Vasconcelos não tivessem existido primeiro. A “alma” (o sentido) de cada uma das pinturas de Filomena Aguiar de Vasconcelos ficou dilatada pela narrativa correspondente de Isabel Pereira Leite. Uma e outra, Filomena e Isabel, reciprocamente co-autoras: expressão exemplar, no domínio artístico, do fenómeno biológico da simbiose. Paradigma excelente da relação que deveria imperar no interior da comunidade humana: então, sim, o Mundo seria verdadeiramente “A Casa”, a casa de todos.

Eis o que, de essencial, me ficou. Por isso é obra que relerei e reverei muitas vezes.

Joaquim Pinto Machado

Porto, 16 de Outubro de 2008